

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

FABIANA MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**LITERATURA POPULAR: ANÁLISE SOCIOPOLÍTICA NOS CORDÉIS DE
ANTÔNIO FRANCISCO**

**PATU
2016**

FABIANA MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**LITERATURA POPULAR: ANÁLISE SOCIOPOLÍTICA NOS CORDÉIS DE
ANTÔNIO FRANCISCO**

TCC apresentado a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu (CAP), Curso de Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, para obtenção do título de licenciada em letras.

Orientadora: Prof.^a Ms. Maria Gorete Paulo Torres

PATU
2016

FABIANA MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**LITERATURA POPULAR: ANÁLISE SOCIOPOLÍTICA NOS CORDÉIS DE
ANTÔNIO FRANCISCO**

TCC apresentado a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Patu (CAP), Curso de Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, para obtenção do título de licenciada em letras.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN
1º Examinador: Orientadora Prof.^a Ms. Maria Gorete Paulo Torres

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte– UERN
2º Examinador (a): Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Felício Ferreira Tomé

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte UERN
3º Examinador (a): Prof. Ms. Fernando Azevedo Guedes

PATU
2016

Dedico este, especialmente ao meu grande Amor Júnior (Colinho) e minha rainha, Mainha. Te amo muito, vocês são as inspirações de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Depois de vários dias de estudos, e meses de dedicação, de várias noites atormentadas e mal dormidas, de pesquisas, leituras e interpretações de textos, é chegada a hora de agradecer, já que não existe orgulho maior do que ver suas ideias materializadas em uma tese e a certeza de mais um dever cumprido.

Então, agradeço a Deus em primeiro lugar, razão de minha existência e autor do meu destino.

A minha mãe Vanda e minhas tias Elza e Cláudia, minha amiga Ana Rosa e minha querida Laura Lima, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu namorado Júnior (Colinho), por fazer parte de minha vida e estar sempre ao meu lado, me ajudando nas tomadas de decisões. Sem você minha vida não teria sentido.

A professora Gorete Torres, na qualidade de orientadora, pela troca de conhecimentos, ensinamentos compartilhados, orientação, apoio e confiança.

Aos professores do curso e em especial a professora Silvânia Araújo que durante essa jornada nos transmitiram saberes necessários, a nossa formação pessoal e acadêmica.

Ao meu grupo de estudo Valdécio Fernandes, Fabiana Oliveira, Lucineyde Batista e Hyldson Lennon, que ao longo desse percurso, dividiram comigo as brincadeiras, angústias, tristezas e devaneios, tornando nossos dias mais saudáveis e alegres.

Enfim, a todos aqueles que de forma direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Por tudo, a minha mais recíproca e eterna **GRATIDÃO**. Saibam que “Muitas coisas bonitas não podem ser vistas nem tocadas, porém podem ser sentidas com o Coração. E nenhum dever é tão importante que a gratidão, pois esta é o único tesouro dos humildes”.

(William Shakespeare)

Sobre a Vida...

Sendo eu um aprendiz
A vida já me ensinou,
Que besta é quem vive triste
Lembrando do que faltou,
Magoando a cicatriz
Esquece de ser feliz,
Por tudo o que conquistou.
Nem toda lágrima é dor,
Nem toda graça é sorriso
Nem toda curva da vida,
Tem uma placa de aviso
Nem sempre que você perde,
É de fato um prejuízo.
O meu ou o seu caminho,
Não são muito diferentes
Tem espinho, pedra e buraco,
Pra mode atrasar a gente
Não desanime por nada,
Pois até uma topada
Empurra você pra frente.
Só eu sei cada passo por mim dado,
Nessa estrada esburacada que é a vida,
Passei coisas que até mesmo Deus duvida,
Fiquei triste, capiango, aperreado
Porém, nunca me senti desmotivado,
Me agarrava sempre numa mão amiga
E de forças minha alma era munida,
Pois do céu a voz de Deus dizia assim:
"Suba o queixo, meta os pés, confie em mim
Vá pra luta que eu cuido das feridas."

Cordel sobre otimismo (Bráulio Bessa)

RESUMO

Sabe-se que dentro da Cultura Popular Brasileira, a Literatura de Cordel é um dos gêneros que tem sido, ultimamente, esquecido e que precisa de fato ser estudado e pesquisado, já que o assunto desperta para outros temas importantes, como: cultura popular, memória, identidade, oralidade, poesia etc. o presente estudo, tem como finalidade de refletir sobre a poesia matuta de Antônio Francisco buscando destacar sua natureza sócio-política, como uma voz que representa seu povo e sua terra. Especificamente, este trabalho procura mostrar a função sociopolítica presente nos poemas de Antônio Francisco através de uma breve análise dos mesmos, além de tentar oferecer uma maior visibilidade da literatura popular e seus valores quase sempre esquecidos, dando ênfase ao cordel potiguar de Antônio Francisco, principalmente no que se refere ao âmbito acadêmico. A pesquisa, é de caráter bibliográfica, de natureza descritiva e de abordagem com aprofundamento qualitativo. Dessa forma, contamos com alguns aportes teóricos, tais como: Barroso 2006, Galvão (2001), Antonacci (2001), dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam que, o poeta Antônio Francisco é um dos grandes nomes da cultura popular nordestina, pois seus cordéis dão destaques a aspectos sócio políticos e alerta a sociedade para questões relacionadas aos mais diversos temas que por vezes estão adormecidos e/ou esquecidos pela maioria.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Poesia. Antônio Francisco.

ABSTRACT

It is known that within the Brazilian Popular culture, the Cordel literature is one of the genres that have been forgotten and lately it needs in fact to be studied and researched, since the subject awakens to other important topics, such as: popular culture, identity, memory, orality, poetry etc. The present study aims to reflect on the poetry matuta of Antônio Francisco seeking to highlight its socio-political nature as a voice that represents his people and his land. Specifically, this paper seeks to show the sociopolitical function present in the poems of Antonio Francisco through a brief analysis of the same, but try to offer greater visibility of popular literature and their values almost always forgotten, emphasizing the string potiguar Antônio Francisco, mainly as regards academic. The research is of a descriptive nature and bibliographical approach with deeper quality. In this way, we have some theoretical, such as: Barroso 2006, Galvão (2001), Antonacci (2001), among others. The survey results indicate that the poet Antonio Francisco is one of the great names of the Northeast popular culture, because their strings give highlights the socio political and alert society to issues related to the various themes that sometimes are asleep and/or forgotten by most.

Keywords: Cordel Literature. Poetry. Antonio Francisco.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 -Antonio Francisco o aventureiro.....	19
Imagem 02 -Antônio Francisco o poeta.....	20

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –Obras reunidas no livro dez cordéis num cordel só.....	22
Quadro 2 –Poemas analisados.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFLETINDO SOBRE A LITERATURA DE CORDEL POPULAR NA VOZ DO POETA NORDESTINO ANTONIO FRANCISCO	14
2.1 A literatura de cordel e sua origem.....	14
2.2 A história da literatura de cordel no Nordeste e seus principais autores.....	16
2.3 Antônio Francisco: Patativa Mossoense.....	19
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	22
3.1 Uma análise sociopolítica da poesia matuta de Antônio Francisco baseado na sua obra “Dez cordéis num cordel só”	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERENCIAS	32
ANEXOS	34

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Literatura Popular tem sido ultimamente pouco disseminada nas escolas e academias. Assim, falar dessa temática requer certo cuidado pelo fato da desvalorização que a mesma vem enfrentando como disciplina na vida acadêmica. Em pleno século XXI, não temos mais, a mesma preocupação que nossos avós tiveram, em fazer com que nossos pais conhecessem de forma mais sensível uma cultura excepcionalmente brasileira, típica do Nordeste, rica culturalmente e cheia de criatividade.

Essa cultura vem de um povo artista que, mesmo considerados analfabetos conseguem impressionar, sensibilizar e encantar. No entanto, falar em valorização é pensar em explorar a riqueza dessa arte adormecida e explorar com mais intensidade nas instituições educacionais no âmbito estadual, municipal e privado, com o intuito de levar o educando a viajar, participar de um mundo imaginário recheado de palavras encantadoras.

E se tratando, literalmente de cultura popular, podemos destacar a região nordeste, como seus lócus construtivos. Popularmente, tem-se o hábito de dizer que essa é a região “berço” ¹de cultura. Em referência a essa região, podemos destacar a literatura popular nordestina potiguar, a qual tem por destaque o poeta Antônio Francisco, que se dedicou a escrever para o povo do sertão nordestino, buscando priorizar nos seus textos as discriminações que os mesmos sofriam pela falta de atenção e oportunidade de uma sociedade arcaica e cheia de preconceitos, enfocando seus textos na natureza e nos problemas sociais que seu “sertão” vem enfrentando ao longo desse tempo.

Partindo desse princípio, o presente trabalho monográfico tem como finalidade refletir sobre a poesia matuta de Antônio Francisco buscando destacar sua natureza sócio-política, como uma voz que representa seu povo e sua terra. Especificamente, este trabalho procura mostrar a função sociopolítica presente nos poemas de Antônio Francisco através de uma breve análise dos mesmos, além de tentar oferecer uma maior visibilidade da literatura popular e seus valores quase sempre esquecidos, dando ênfase ao cordel potiguar de Antônio Francisco, principalmente no que se refere ao âmbito acadêmico.

¹ Primeira infância, ou início de qualquer origem, coisa, objeto etc.

Entretanto, com o intuito de atingir nossos objetivos nos debruçamos nos cordéis do poeta já mencionado, mais especificamente em um dos seus livros mais “famosos”, “Dez cordéis num Cordel só”. Lembrando que, a justificativa para este trabalho, dar-se-á, pela necessidade de discutir e refletir, sobre esse tipo de literatura, que decerto tem desaparecido, nas escolas e mais precisamente, no sertão nordestino, e destacar sua natureza sócio-política, como uma voz que representa seu povo e sua terra.

Consideramos que este trabalho é de caráter bibliográfico, pois segundo Gil (2010), baseia-se em materiais já existentes, tais como: livros, artigos e periódicos. E de natureza descritiva, uma vez que descreve todas as hipóteses e características sobre o tema abordado, além de aprimorar os conhecimentos acerca do mesmo. (PRESTES, 2013). E para construção do mesmo nos ancoramos em autores que discutem sobre a literatura popular, ou mesmo sobre Antônio Francisco, dos quais podemos citar Barroso (2006), Galvão (2001), Antonacci (2001), dentre outros.

Dessa forma, na tentativa de que o leitor possa compreender melhor o nosso trabalho, realizamos uma divisão do mesmo, em três capítulos principais assim distribuídos.

O primeiro capítulo, faz referência a parte introdutória, onde expõe-se de forma clara e objetiva, o tema em questão, objetivo e finalidade do trabalho, a justificativa, a metodologia empregada e os aportes teóricos.

Já o segundo capítulo, apresenta a fundamentação teórica, tendo como ponto de partida a literatura de cordel e sua origem, a história da literatura de cordel no Nordeste e seus principais autores, levando em consideração o poeta Antônio Francisco, o enigma a ser revelado, bem como os principais cordéis do mencionado poeta. Para a elaboração desse capítulo nos embasamos em autores que discutem a temática, os quais já foram citados anteriormente.

E o terceiro por sua vez, mostra a análise dos dados, onde busca trazer, uma discussão acerca dos textos/poemas de Antônio Francisco na tentativa de dar conta dos objetivos proposto para esta pesquisa. Além do mais, temos ainda as considerações finais, onde procuramos realizar um aparato geral em relação aos achados de nossa pesquisa, as referências e os anexos dos poemas trabalhados no corpo do trabalho.

Assim, tentamos atrair o leitor ao mundo encantado da literatura popular, mais especificamente a literatura de Cordel de Antônio Francisco Teixeira de Melo, mais conhecido como o Patativa de Mossoró, um homem admirado e bem simples, que com seu jeito prático de ser, tem conquistado cada vez mais o seu espaço no sertão potiguar. É um ser amolado e inspirador e em seus cordéis, procura enfatizar problemas aos quais fechamos os olhos ou até mesmo, esquecemos a sua importância.

2 REFLETINDO SOBRE A LITERATURA DE CORDEL POPULAR NA VOZ DO POETA NORDESTINO ANTONIO FRANCISCO

Este capítulo tem objetivo de apresentar ao leitor, a literatura de cordel popular e sua origem, a história da literatura de cordel no Nordeste e seus principais autores, o enigma a ser revelado Antônio Francisco, bem como os seus principais cordéis.

2.1 A literatura de cordel e sua origem

A Literatura de cordel é uma nomenclatura dada aos folhetos de cordel pelos intelectuais brasileiros por volta dos anos 1960/70, adotando a denominação utilizada em Portugal para a poesia similar ao cordel. Mas essa literatura, anteriormente, era conhecida como livrinhos de feira, ou livretos, ou a mais popular pelos cordelistas, “folhetos”. Cordel também vem da palavra “cordão”, pois os folhetos ficavam pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos nas feiras.

De acordo com alguns estudiosos, a literatura de cordel originou-se em Portugal, por volta do século XVII. No Brasil, alguns estudiosos acreditam que a mesma, chegou na primeira metade do século XVIII a partir de então, ela foi muito difundida no Nordeste, local onde foi iniciada a colonização, e de lá se disseminou para as outras regiões brasileiras. Assim:

Penso que o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares. (BARROSO, 2006, p. 22).

Nesse contexto, uma das primeiras formas de cordel conhecidas foi a cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, no Estado da Paraíba, no final do século XVIII. Eles criaram as sextilhas sete silábicas. Advertindo que o poeta Agostinho Nunes da Costa (1797-1858) foi o primeiro cantador conhecido de tal grupo.

Lembrando que depois do cordel cantado do final do século XVIII, tem-se registro no final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel.

O precursor foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919) e o primeiro folheto localizado é deste poeta e data de 1893. A partir daí a literatura de cordel passou a ser, além de cantada, também escrita.

É importante frisar que, apesar desses estudiosos relacionarem os folhetos nordestinos com os cordéis portugueses, esse gênero de poesia não foi criado em Portugal. Há indícios, de várias formas de literatura em vários locais do mundo, dos tempos da Grécia Antiga, passando pela Idade Média até chegar à contemporaneidade. Existem elementos africanos, indígenas, de alguns países europeus como França e Espanha, e de alguns países americanos de língua espanhola em nossos folhetos. Além disso, variantes do gênero épico (como os romances de cavalaria, de costumes, epopeias), as histórias bíblicas, as fábulas, os fatos cotidianos (que inspiram os folhetos noticiosos ou circunstanciais) e outras formas de narrativa enriquecem os temas dos folhetos brasileiros. Dessa forma, evidencia-se que:

Não há, entre os estudiosos, um consenso quanto às origens desse tipo de literatura no país e, particularmente, seu desenvolvimento no Nordeste brasileiro. Sabe-se que a questão das origens é sempre problemática no âmbito da historiografia contemporânea, revelando-se, quase sempre, um falso problema e um esforço inútil em busca de sua solução na medida em que a história tem sido considerada como feita de descontinuidades e rupturas. (GALVÃO, 2001, p. 28).

No entanto, mesmo com afirmações de vários autores de estudos sobre literatura de cordel de que há a influência de várias partes do mundo em nossos folhetos, os cordelistas falam dessa poesia como “puramente brasileira”. Barroso (2006, p. 30), explica que nessa afirmativa dos poetas, está implícito um aspecto muito importante da formação e reconstrução da cultura popular: “a ressignificação da cultura europeia em terras brasileiras”. Por isso, ela continua conceituando a cultura como resultado de um processo contínuo, onde se inserem os significados das práticas sociais da vida diária do indivíduo.

Contudo, a influência das sextilhas sete silábicas dos poetas da região do Teixeira, os cordelistas nordestinos exaltaram como heróis de seus folhetos os cangaceiros, personagens que eram do cotidiano deles. Pouco anos depois, as notícias dos veículos jornalísticos já começariam a ter espaço nas temáticas dos folhetos. Diante de tais comprovações o que se pode concluir é que, a

literatura popular chegou ao Brasil, se instalou no Nordeste e floresceu nesse lugar.

2.2 A história da literatura de cordel no Nordeste e alguns de seus principais autores

Foi no Nordeste do Brasil que a literatura de cordel encontrou lugar favorável para se expandir. Diversos fatores contribuíram para que os folhetos fossem produzidos, vendidos e lidos por muitos grupos que formam um público pertencente a classes sociais diversas.

O primeiro ponto favorável foi a questão étnica, o português, o indígena e o africano no mesmo ambiente que apesar de suas diferentes condições sociais e diferentes tradições produziram uma literatura poética que comunicava e divulgava manifestações culturais através da oralidade, de cantorias em grupos. Essas manifestações eram escritas e impressas para serem lidas e guardadas “além da memória”. Ainda que as obras impressas vindas de Portugal e dos lugares mais “adiantados” do Brasil fossem raras, existia sempre um folheto por perto que trazia as velhas novelas populares ou histórias de santa.

O cordel tornou-se um elemento divulgador de fatos e ocorrências, as famílias ficavam a par do que se passava em várias localidades do Brasil, era como um jornal. Trazia notícias das façanhas de cangaceiros, casos de rapto de moças, crimes, os estragos das secas, as enchentes, políticas e tantas outras notícias.

Outro ponto que podemos sinalizar é o ambiente social que oferecia condições favoráveis ao surgimento dessa forma de comunicação literária, a divulgação da poesia popular através das cantorias em grupo e de forma escrita.

Vários autores estudaram sobre o surgimento do cordel no Nordeste, dentre os quais destacamos Maria Antonieta Antonacci que a esse respeito teceu a seguinte reflexão:

(...) o abandono das populações dos sertões nordestinos por parte das autoridades governamentais e eclesiásticas, acentuado após o declínio da produção açucareira; a consolidação de um modo de vida patriarcal, reunindo agrupamentos sociais em torno de um senhor enquanto marginalizava centenas de outros grupos e sujeitos, desagregados e esparramados na imensidão das agrestes terras abatidas pelas secas e outras forças de uma natureza também deixada à margem; o isolamento das populações e a raridade de livros, principalmente laicos, importados nos tempos da colonização, associado à precariedade extrema de meios de comunicação, ajudam a entender a

emergência e a importância histórica das cantorias e dos folhetos nessa região. (ANTONACCI, 2001, p. 112).

De acordo com a autora, em todo Nordeste brasileiro a influência africana teve um papel importante na produção dessa literatura. As cantorias, as histórias contadas eram expressões que levavam seu modo de ver a realidade e de atuar no cotidiano. Assim as narrativas orais de grupos sociais que moram no Nordeste também registraram em folhetos as evidências dos costumes, valores, crenças, culturas e experiências de vida.

Esse legado não vem, entretanto só dos povos africanos, vem dos portugueses, indígenas e de outros povos que chegaram ao Brasil na época da colonização. Esse encontro de diversidade cultural contribuiu para a formação de linguagens no Nordeste brasileiro.

Galvão (2001) enfatiza no seu livro “Cordel, leitores e ouvintes” que parecia ocorrer uma circularidade entre as diversas formas de cultura (inclusive as indígenas, africanas e de outros povos) em um Brasil marcado pela oralidade.

Entretanto, não se podem negar as origens lusitanas: “(...) Esses livros vêm do século XV, XVI e do século XVII, e continuam sendo reimpressos em Portugal e Brasil, com um mercado consumidor como nenhuma glória intelectual letrada ousou possuir”. (CASCUDO, 1978, p.170).

O que se pode observar é que existem opiniões diversas entre os pesquisadores sobre as origens da literatura de cordel no Nordeste brasileiro, algumas divergências surgiram no decorrer dessa pesquisa sobre a origem dos folhetos, em todo Brasil, não altera, entretanto, a conclusão que se chegou: o cordel é de origem lusitana, no entanto os franceses, africanos, indígenas, espanhóis e outros povos tiveram influência ativa na produção, circulação e leitura dessa “literatura” que tem características peculiares.

De características peculiares a Literatura de Cordel tem raízes ibéricas, da região França, Espanha e Portugal, com influência dos mouros que ocuparam a península por muito tempo, mas, acredita o poeta popular cearense Arievalda Viana, que elas são mais profundas e venham de mais longe. Em sua opinião, o canto dos trovadores gregos já poderia ser considerado um embrião da Literatura de Cordel. (ROCHA, 2005, p. 23).

No nordeste do Brasil a literatura de cordel foi imprescindível na alfabetização, desde que foi disseminada entre grupos não alfabetizados ou no

“seio” da família, as histórias versadas despertavam o “prazer” e o interesse pelo aprendizado principalmente nas pessoas que moravam na zona rural.

É importante mencionar que a literatura brasileira de cordel é repleta de características bem particulares, que dialogam diretamente com os costumes juninos. Essencialmente popular, o estilo ficou marcado por narrar histórias do cotidiano do nordestino e muitos autores importantes foram esquecidos pela falta de registro de suas obras. Alguns deles, no entanto, conseguiram perpetuar suas obras e hoje são considerados mestre do gênero. Conheça alguns deles:

✓ **Apolônio Alves dos Santos**

Autor do folheto “Maria Cara de Pau e O Príncipe Gregoriano”, lançado em 1949, foi pedreiro e participou da construção de Brasília antes de viver de sua poesia. Natural de Guarabira (PB), escreveu cerca de 120 folhetos, incluindo o célebre “Discussão do Carioca com o Pau-de-Arara”.

✓ **Cego Aderaldo**

O poeta popular, nascido em Crato, no Ceará, era inspiradíssimo pela vida no sertão nordestino. Ao perder a visão em um acidente, descobriu que tinha talento para rimar, tornou-se cantor conhecido na região e ganhou até um monumento em sua homenagem, localizado em Quixadá, cidade cearense.

✓ **Firmino Teixeira do Amaral**

Célebre poeta piauiense, Amaral foi um dos principais autores da Editora Guajarina e um dos criadores de um estilo peculiar da literatura de cordel, o trava-língua. Foi autor de “Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, letra que mais tarde foi gravada por Nara Leão e João do Vale.

✓ **João Martins de Athayde**

Foi o principal editor da literatura brasileira de cordel. Nascido em 1880, em Cachoeira da Cebola, Paraíba, Athayde foi mascate e pai de 25 filhos. Em Recife, fez um curso de enfermagem e depois comprou o projeto que viria a ser sua editora. Mais tarde, passou a escrever suas próprias obras, como “Serrador e Carneiro”.

Todos esses poetas, são considerados hoje mestre do gênero, pois conseguiram eternizar suas obras, deixando assim, marcas na literatura de

cordel Brasileira. E se tratando de mestre do gênero, iremos nos aprofundar um pouco mais, no subtópico a seguir sobre o poeta Antônio Francisco, haja vista que a pesquisa tem o intuito de analisar sua poesia, levando em consideração, seus aspectos históricos, sociais e culturais.

2.3 Antônio Francisco: Patativa Mossoense

Antônio Francisco Teixeira de Melo, Cordelista norte-rio-grandense nascido aos 21 de outubro de 1949, em Mossoró – RN, filho de Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo, cresceu no bairro da zona sul, Lagoa do Mato, estudou alfabetização com uma vizinha por nome Dona Toinha e a seguir passou pelos colégios Moreira Dias e o Estadual. O senhor Antônio Francisco, aventureiro e esportista, dedicou-se ao ciclismo, realizando turismo de bicicleta por toda a região nordestina.

Imagem 01-Antonio Francisco o aventureiro



Fonte: Meu sonho-2006

Sua vida profissional começou em outra área, pois facilidade para aprender era com ele mesmo. Foi vendedor de peixe, e por incentivo de um primo que era solador, começou então a fazer sapatos e sandálias com maestria. Logo essa arte fez com que um outro primo, o levasse para uma fábrica em Natal

e por lá ficou dos 17 aos 20 anos de idade, sendo que o último foi para servir o exército no 16º Regimento de Infantaria.

Após esses anos, retornou para Mossoró novamente, e de imediato foi trabalhar na Fábrica de Calçados de Chico de Lica, recém-falecido, no Bairro Doze Anos. Vizinho ao negócio, morava Josenira Maia de Melo (Nira), uma costureira que fazia roupas maravilhosas e encantou o futuro poeta. Namoraram por três anos e casaram-se em 17 de julho de 1973. Desse casamento nasceram três filhos: Adriana, Adjan (falecido aos 16 anos em um acidente no Rio Mossoró e Joana Pêdra. Além de dois netos que segundo ele, são seus maiores tesouros: Antônio Francisco Neto e Aldimar Segundo.

Nesse seguimento, ingressou no curso de história na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, aos 35 anos de idade, onde o gosto pela leitura o fez escolher um curso que pudesse ampliar seus conhecimentos, e enxergar o mundo com outras lentes. Na verdade, ainda sem saber, estava se abastecendo para o seu verdadeiro e grande dom: A arte e a literatura.

Imagem 02-Antônio Francisco o poeta



Fonte: Mágico das Palavras -2015

No entanto, voltou-se para a literatura popular aos 46 anos, com sua primeira poesia *Meu Sonho*, obra que apresenta traços impressionistas e surrealistas, onde o autor recorre ao sonho para demonstrar sua inquietação com a interação entre homem e o meio. Poema composto de 37 estrofes de 6 versos, utilizando a redondilha maior (heptassílabo) e rimas alternadas. (WIKIPÉDIA,

2014). Como ser múltiplo, exerceu também outras funções bem como: historiador (Bacharel em História, pela UERN), xilógrafo, compositor e confeccionador de placas de carro.

Apesar da carreira literária tardia, é reconhecido publicamente pela musicalidade de seus poemas, passando a ser alvo de estudo de vários compositores brasileiros. O reconhecimento da qualidade da sua produção levou-o a ser eleito para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) em 15 de maio de 2006, onde ocupa a cadeira de número 15, cujo patrono é o poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré. Além disso, ele possui título e é consagrado Doutor Honores Causas, pois tem mais de 50 folhetos publicados e vários livros: Dez cordéis num cordel só, por motivos de versos, Veredas de sombras, Os Animais tem razão, As seis moedas, A Arca de Noé (Editora IMEPH – Fortaleza – CE) e outros.

Atualmente, Antônio Francisco passou a ser considerado o “novo Patativa do Assaré”, não só pela cadeira que passou a ocupar na ABLC, mas principalmente pela relevância da sua produção literária. Por tal razão, durante as comemorações do Ano da França no Brasil (2009), a Aliança Francesa de Natal promoveu um sarau em homenagem a este cordelista potiguar. Para ele: “Para ser poeta é preciso ser apaixonado, pois o que a gente escreve é aquilo que nosso corpo sente. Escrever é meditar todo dia e o dia inteiro. Fazer do vento uma escada e do luar um candeeiro”.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para construirmos nosso capítulo de análise nos debruçamos sobre a obra de Antônio Francisco com a finalidade de procurar mostrar a função sociopolítica presente nos cordéis, além de tentar oferecer uma maior visibilidade da literatura popular e seus valores quase sempre esquecidos, principalmente no que se refere ao âmbito acadêmico.

3.1 Uma análise sociopolítica da poesia matuta de Antônio Francisco baseado na sua obra “Dez cordéis num cordel só”

A seguir, iremos destacar alguns cordéis do poeta Antônio Francisco. Lembrando que sua produção poética cordelista foi reunida em duas antologias: *Dez Cordéis num Cordel Só*, título que exemplifica sua habilidade em trabalhar com sílabas de uma redondilha maior, e *Por Motivos de Versos*, este último apresenta um nordestino agradecido pela sua origem, com histórias que remetem à sua terra natal.

É importante ressaltar, que para esta análise foi examinado o livro do poeta Antônio Francisco: “*Dez Cordéis num Cordel Só*”, da 11ª edição, do ano de 2012. Vejamos então todas as obras contidas no livro.

QUADRO 1 – Obras reunidas no livro Dez cordéis num cordel só

OBRAS	TÍTULOS
01	Meu Sonho
02	Aquela dose de Amor
03	O Guarda-Chuva de Prata
04	As seis moedas de Ouro
05	Do outro lado do véu
06	A Oitava maravilha ou a lenda de cafuné
07	Os Animais tem razão
08	O Feiticeiro do Sal
09	A História do Pescador
10	A arca de Noé

Fonte: Elaborado pela autora-2016

Para iniciar nossa análise, abordamos alguns trechos dos poemas acima mencionados, com o intuito de realizar dentro do contexto, uma leitura sócio política da poesia matuta, desse talentoso poeta. Nessa ótica, começamos por um de seus primeiros cordéis: “Meu Sonho”. É uma obra que contém traços impressionistas e surrealistas, nos quais o autor recorre ao sonho para passar uma mensagem moral e social, numa preocupação com o comportamento humano e sua interação com o meio em que vive. O poema é composto por 37 estrofes de seis versos cada uma, porém iremos apresentar apenas alguns versos no corpo do trabalho. Portanto, o poeta começa dizendo o seguinte:

Cansado de ler jornais
Fui me deitar descontente
Pensando em tudo ali
Adormeci lentamente
E sonhei que acordava
Num planeta diferente

Na história, o narrador em sua casa, dorme e sonha. Acorda em um mundo muito bonito, repleto de coisas boas, crianças ajudando os animais, homens valorizando as árvores e a vegetação. A partir daí, inicia-se a comparação com o planeta terra. Há uma cidade chamada “Felicidade”, que possui um “Hospital do Coração”, no qual são curadas todas as doenças da alma. Há a valorização do homem simples, representada na estátua central da cidade, que retrata um camponês com uma enxada na mão, e do cidadão generoso que pratica a caridade. Eis o trecho:

Quando chegamos na praça
Eu parei, passei a mão
Numa estátua de ouro
Parecia com Sansão
Só que em vez de uma queixada
Era uma enxada na mão.

Eu perguntei para o homem
É de um parlamentar?
E ele me respondeu:
Com um sorriso no olhar
É de um agricultor
O nosso herói popular.

No final, evidencia-se que o narrador acorda com o objetivo de transformar o nosso mundo. Nota-se assim, nas estrofes analisadas a

preocupação do artista com a vida social, mais precisamente com a pouca valorização do homem do campo, da natureza e dos animais. Podemos notar isso em todo decorrer do poema o que parece nos comprovar que a função comprova a função sociopolítica presente nos poemas de Antônio Francisco e seu sonho por um mundo mais humilde e humanizado. O poeta encerra o referido cordel afirmando.

acordei para chorar
debruçado no meu leito
daquele dia pra cá
nunca mais dormir direito
ora tentando esquecer
ora pensando em fazer
o mundo daquele jeito.

Destarte, percebemos que o intuito do autor, é passar para o leitor, um sonho surreal, através de uma mensagem moral e social, levando em consideração sua preocupação com o comportamento humano e sua interação com o meio em que vive. Como já mencionamos no referido cordel o narrador conta que dorme em sua casa e sonha, com um planeta muito bonito, fantasiado de coisas belas e no final ele acorda, se depara com a realidade e a partir dali ele gostaria de transformar o mundo, de acordo com o seu imaginário. Conforme Ramos (2004), o escritor/autor deve ajustar sua obra à realidade e às vivências do público, levando em consideração a sua região. Segundo a autora, é necessário que o escritor leve o leitor, a imaginação.

Outro cordel que nos chama bastante atenção no livro mencionado é “As seis moedas de Ouro”. Essa poesia reflete o sentimento e a preocupação do autor com as questões candentes que afligem a humanidade atualmente, entre as quais, a vida das indígenas, a ecologia, o constante vilipêndio de valores humanos indispensáveis como a fraternidade, a solidariedade, enfim, o amor coletivo necessário a uma convivência saudável e socialmente justa, mas, infelizmente desenfreada, pelo egoísmo, apego a bens materiais, pelo ódio e a autodestruição como consequência. No poema, o autor já começa demonstrando revolta, quando menciona que:

As cinco tribos viviam
Numa Aldeia grande e bela,

Os bairros iguais ao centro
Sem resquícios de favela
E a terra dividida
Pra quem trabalhava nele.

Note que, o narrador faz uma referência singela, a vida solidária de uma imaginária aldeia indígena, antes da chegada do nefasto processo civilizatório. Observe também, que ele retrata ainda a questão ecológica quando fala:

Esse povo amava a terra
Com tanta dedicação,
Que andava de pés descalço
Quase sem pisar no chão,
Pra não ferir o lugar
De onde vinha seu pão.

Entretanto, ele aborda ainda neste mesmo poema, o dinheiro como símbolo da chamada civilização.

Mas numa manhã de sol
O filho do feiticeiro,
Em vez de ir plantar flores
Foi pra casa do ferreiro,
Fez seis moedas de ouro
E deu-lhe o nome dinheiro.

No que se refere ao segundo poema, comprova-se que o autor, tem a intenção de refletir sobre as questões candentes que afligem a humanidade, dentre as quais, ele destaca: A vida das indígenas, a ecologia, o constante vilipêndio de valores humanos como a fraternidade, a solidariedade, enfim, o amor coletivo necessário a uma convivência saudável e socialmente justa, mas, infelizmente desenfreada, pelo egoísmo, apego a bens materiais, pelo ódio e a autodestruição como consequência. Além do mais, ele aborda o dinheiro como símbolo da chamada civilização. Nesse contexto, temos o pensamento de Tognatta & La Taille, 2008, quando afirma que esses valores merecem e devem serem respeitados e valorizados, já que a virtude é um valor que contribui na construção da identidade do sujeito e auto respeito, havendo correspondência entre os julgamentos morais e as representações que os sujeitos têm de si próprio.

Na mesma obra ainda, encontramos o cordel “Os sete constituintes ou os animais tem razão”, talvez um dos mais conhecidos em nossa região, no qual ao longo das trinta e cinco estrofes que compõem o enredo deste poema, ele consegue descrever com singular maestria o diálogo de sete animais sob a copa de um juazeiro: porco, cachorro, cobra, burro, rato, morcego e vaca, discutem providências e trocam testemunhos acerca do comportamento dos seres humanos neste mundo. Em seu poema ele descreve o seguinte:

Eu vinha do Canindé
Com sono e muito cansado,
Quando vi perto da estrada
Um juazeiro copado,
Subi, armei minha rede
E fiquei ali deitado.

Quando eu olhei para baixo
Eu vi um porco falando,
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando,
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

Quando o dia amanheceu
Eu descí do meu poleiro,
Procurei os animais
Não vi mais nem o roteiro,
Vi somente umas pegadas
Debaixo do Juazeiro.

Neste cordel o poeta faz uma crítica ao homem, através das vozes dos animais, sob a copa de um juazeiro: porco, cachorro, cobra, burro, rato, morcego e vaca. Os mesmos discutem providências e trocam testemunhos acerca do comportamento dos seres humanos neste mundo. O poeta, nas falas dos animais, expressa seus sentimentos, deixando explícito que o homem é o maior causador do desequilíbrio psicológico e emocional, do planeta, da degradação da natureza, da poluição do meio ambiente, da guerra, e da falta de consciência, causando, no entanto, sérias consequências no planeta.

De acordo com Leonardo Boff 1999, em seu livro “Saber cuidar: Ética humana – compaixão pela terra”, ele descreve o cuidado todo especial, que o nosso planeta Terra merece, sendo ele, o único que temos para morar. Nesse livro ele afirma que por causa da falta da consciência humana, o assalto predador do processo industrialista dos últimos séculos, está prestes a romper-se em cadeia. Evidentemente, o agravamento deste quadro, conforme cita o poema

acima, através das vozes dos animais, faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado bem mais especial com o futuro da Terra (pág. 133).

Obviamente, a violência toma conta da nação, por falta de amor ao próximo. As pessoas são egocêntricas e se esquecem de valorizar as coisas mais simples da vida. O homem despreza a natureza, polui o ar e contribui de forma gradativa com a extinção dos animais e dos recursos naturais. Corroborando, com essa tese, temos no poema “Aquele dose de Amor” de autoria de Antônio Francisco, o seguinte pensamento:

Carreguei a espingarda
Saí olhando pro chão
Procurando a juriti
Nos troncos do algodão
Quando surgiu um velhinho
Com um taco de pão na mão.

O velho disse: - Senhor
Não quero lhe ofender
Mas se está com tanta fome
E não tem o que comer
Mate a fome com este pão
Deixe este pássaro viver.

Nesse momento, observa-se, que existe realmente uma falta de consciência e amor ao próximo, quando o narrador, retruca de imediato:

Eu disse: - Muito obrigado
Pode guardar o seu pão
Eu gasto mais do que isto
Com a minha munição
Eu mato só por prazer
Eu caço por diversão.

O velho disse: - É normal
Esse orgulho do senhor
E todo esse egoísmo
Que tem no interior
É porque falta em seu peito
Aquele dose de amor.

Notoriamente, este aborda a questão da falta de amor ao próximo, o egocentrismo, a falta de consciência do homem com relação a natureza, a agressão aos animais, a poluição do ar, dos rios, etc.

Observamos que a qualidade de sua criação é a grande responsável pelo reconhecimento do público, do mundo cultural e da crítica especializada.

Conforme podemos perceber através de suas linhas rimadas, o amante de viagens de bicicleta faz pessoas viajarem na raiz de seus sentimentos, cobrando-as mais atenção, respeito e valores não só para a construção de um mundo melhor, mas também pela consciência de que este, é o nosso único objetivo de estar no fantástico mundo de Deus: O de amar a si mesmo e os outros com a máxima intensidade.

Compreendemos então, que o poeta Antônio Francisco, mais conhecido como o Patativa de Mossoró, é um grande poeta e sábio da cultura popular, pois em suas obras, ele procura encantar o leitor e, falar da natureza e dos problemas sociais da região nordestina, pelo encantamento das suas belezas, e pelo sofrimento de um povo, considerado sem cultura e sem classe, pela maior parte do país.

Destarte, na tentativa de que o leitor possa compreender melhor, a tabela abaixo, mostra de forma sucinta, clara e objetiva nossa compreensão em relação aos cordéis analisados, tentando mostrar que Antônio Francisco tem contribuído com uma reflexão acerca da nossa situação social, já que em sua obra encontramos uma função sociopolítica, através de temáticas como amor, degradação da natureza, humanidade, sabedoria, dentre outros.

QUADRO 2 – Poemas analisados

Obra/Título	Objetivo da obra
1. Meu Sonho	Passar ao leitor, uma mensagem moral e social, numa preocupação com o comportamento humano e sua interação com o meio em que vive.
2. As seis moedas de Ouro	Refletir o sentimento e a preocupação do autor, com as questões que afligem a humanidade, bem assim como: a vida indígena, a ecologia e os valores humanos.
3. Os sete constituintes ou os animais tem razão	Mostrar a discussão e o testemunho de sete animais na copa de um juazeiro, acerca do comportamento humano.
4. Aquela dose de Amor	Promover no leitor a imaginação de viajar, na raiz de seus sentimentos, respeitando os valores e construindo um mundo melhor.

Fonte: Elaborado pela autora-2016

Contudo, de acordo com os poemas analisados, através do livro “Os Dez Cordéis num Cordel Só”, de autoria do poeta Antônio Francisco, podemos perceber, que o mesmo, busca dentro do seu eu poético, emoções, sentimentos e palavras, que expressam sem dúvidas, as questões sociais e culturais, ligadas ao sertão nordestino, fonte de exuberância e inspiração para o poeta. Observa-se também, que todos os seus poemas, traz consigo um contexto histórico e cultural, e deixa explícito sua grandeza intelectual e sua paixão pela poesia. Portanto, a poesia de Antônio Francisco, nos faz viajar. Ler esse poeta, é (...) “Descobrir a magia de penetrar nos nossos sonhos, caminhar entre reis e rainhas, se assustar nos castelos mal-assombrados”, é ver todos os tipos que compõem nossa gente, é ser mais fraterno e mais irmão, é ser o que há de melhor no mundo: **“É SER NORDESTINO”**.

Portanto, Octavio Paz (1982, p.15), no confirma que a poesia é uma Operação capaz de transformar o mundo. A atividade poética é revolucionária por natureza, exercício espiritual, ou seja, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo, cria outro. [...] Inspiração, respiração, exercício muscular. [...]. Logo, pode-se compreender por meio da definição de Octavio Paz que: “a poesia é a música da alma, e, sobretudo, de almas grandes e sentimentais”, conforme cita (VOLTAIRE, 2014). De tal modo, a poesia abre as portas para o mundo circundante do leitor por meio da linguagem poética/musical que aspira e por meio do discurso lúdico, ela incorpora e desenvolve no leitor novas experiências mentais e existenciais, diferente dos meios tecnológicos que inibem a consciência crítica do leitor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a literatura de cordel popular, e mergulhar na obra especificadamente do poeta Antônio Francisco, o Patativa Mossoroense, é apenas um ponto de partida, para que mais pesquisadores e estudiosos na área, despertem o prazer pelo tema em questão, com o intuito de assim, promover no educando o gosto e o prazer da literatura de cordel, uma vez que esta, nos faz viajar, encanta e seduz o leitor.

Nesse sentido, a construção desse trabalho, foi de suma relevância, pois através desse estudo, foi possível entender a importância da literatura de cordel e sua origem, desde os seus primórdios até os dias atuais, reconhecer os principais autores e poetas Nordestinos, e fazer uma análise das obras do enigma revelado no Nordeste, Antônio Francisco, baseado no seu livro “Os dez cordéis num cordel só”.

Dessa forma, esse estudo nos possibilitou viajar no mundo da poesia, deste grande e talentoso poeta, e nos fez compreender a grandeza e a extensão da literatura popular de cordel, enquanto veículo do imaginário popular. Assim, entendemos que a mesma, refaz os caminhos enviesados do olhar matuto, reconstitui a maneira do sertanejo reagir ao mundo e, mais do que isso, deixa pistas do sistema complexo sobre o qual se edifica seu sentimento de contestação. Além do mais, sua intensa força de persuasão, o tornou um grande condutor e disseminador de ideias. Sendo assim, colocar o poeta popular como cronista da contemporaneidade aproxima a poesia das pessoas, fazendo com que a difícil realidade seja decodificada de uma forma diferente, embora dura, ainda real, mas que leva as pessoas a refletirem de uma forma mais amena.

Nesse contexto, há de ser fazer também uma reflexão sobre a ideia de hierarquizar literatura popular e erudita, pois cultura não pode ser compartimentada. Autores tidos como eruditos buscavam inspiração em fontes orais e populares, assim como os poetas de feiras divulgavam em folhetos os escritos de grandes autores consagrados. Por isso, com a circularidade que há em toda expressão cultural, ela não deve ser hierarquizada nem pré-definida e, sim, apreciada sem preconceitos. Pensando dessa forma, esse tipo de poesia pode e deve continuar a ser estudada e divulgada por todas as classes sociais, pois de forma acessível, crítica e muitas vezes satirizada, o cordel reflete os problemas sociais, políticos e econômicos do cotidiano brasileiro.

Contudo, de acordo com os poemas analisados no corpo do trabalho e contidas em anexos, é possível verificar, que o autor Antônio Francisco, é um grande poeta, e procura numa linguagem clara e singela, expressar seus sentimentos, na sua obra, levando em consideração, os aspectos sociais e culturais e representando, no entanto, os problemas do povo nordestino, fonte de exuberância e inspiração para o poeta. Evidentemente, em seus poemas, ele fala da vida, da falta de conscientização do homem para com a natureza, da questão dos valores humano. Dessa forma, podemos afirmar que seus cordéis dão destaques a aspectos sócio políticos e alerta a sociedade para questões relacionadas aos mais diversos temas que por vezes estão adormecidos e/ou esquecidos pela maioria.

REFERENCIAS

AMORIM, Mayara. Antônio Francisco diz ter sido imortalizado mais uma vez. **O Mossoroense**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/280506/conteudo/cotidiano1.htm>>. Acesso em: 4 nov. 2014.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Tradição de Oralidade, Escrita e Iconografia na Literatura de Folhetos: Nordeste do Brasil, 1890/1940**. In: KHOURY, Yara Aun (Org.). História e Oralidade, Projeto História, São Paulo (22) jun., 2001.

ANTÔNIO FRANCISCO TEIXEIRA DE MELO. In: **Editora Luzero**: biografias de poetas. Disponível em: <<http://editoraluzero.com.br/content/1-biografias-de-poetas>>. Acesso em: 22 out. 2014.

BARROSO, Maria Helenice. **Os cordelistas no D.F.:** dedilhando a viola, contando a história. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília – UnB, 2006.

BOFF, Leonardo, Saber cuidar Ética do humano: compaixão pela terra. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil** – 2.ed, Rio de Janeiro, 1978.

CHIZZOTTI.A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo:Cortez,2006.

FRANCISCO, Antonio. Dez **Cordéis num cordel só**. Antônio Francisco:11 ed. Fortaleza; Editora IMEPH,2012.

GALVÃO, A.M.O. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**.5ªed.São Paulo:Atlas,2010.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento de textos, da escola à academia**. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2013.

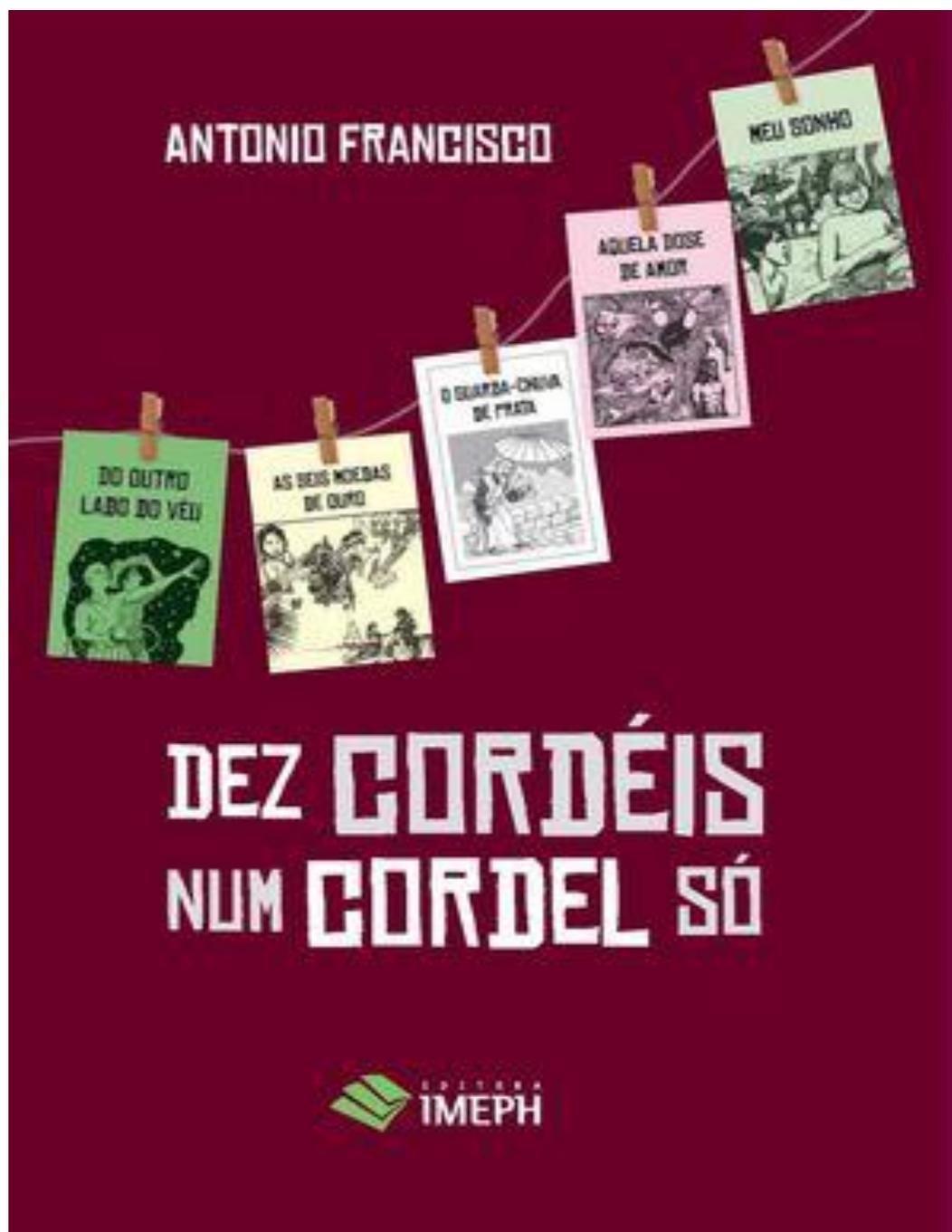
ROCHA, Rosendo Narrimam. **Diário de Borborema**. In: VIANA, Ariovaldo Lima (Org.). Acorda Cordel na Sala de Aula. Fortaleza: 2005.

TOGNETTA, L. R. P., & La Taille, Y. de. (2008). A formação de **personalidades éticas**: representações de si e moral. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24(2), 181-188.

VOLTAIRE, Frases. Kd Frases. Disponível em:
><http://kdfrases.com/frase/141911>< Acesso em: 05 de junho de 2014.

ANEXOS

ANEXO A- LIVRO UTILIZADO NA PESQUISA



ANEXO B- MEU SONHO

Cansado de ler jornais
Fui me deitar descontente
Pensando em tudo que li,
Adormeci lentamente
E sonhei que eu acordava
Num outro lugar bem diferente...

Era planeta coberto
De plantas de todas as cores,
As lagoas orquestradas
Por marrecos cantadores
E as abelhas bailando
Por entre as pétalas das flores...

Fiquei um tempo pasmado
Depois sai caminhando,
Seguindo o curso de um rio
Com os peixinhos pulando,
As flores exalando o cheiro
E a floresta cantando...

Depois eu parei pra ver
Perto de uma pedreira,
Quatro homens construindo
De pedra uma cadeira...
Eu perguntei a um deles:
- Porque não faz de madeira?

Disse: - "não temos coragem
De cortar uma árvore tão bela
Pra fazer uma cadeira
Somente pra sentar nela
Achamos melhor ficarmos
Sentados na sombra dela."

Com esta simples resposta
Sem querer me envergonhei
Pra disfarçar a vergonha
Numa pedra eu me sentei
Homem, onde fica a cidade
Por favor? eu perguntei.

Disseram: - "siga esta trilha
Com nome de liberdade
Logo mais tem uma placa
Que indica felicidade...
Vá por onde a seta indica
Que chegará na cidade".

Quando eu entrei na cidade
Parei em frente a um galpão
Todo murado de pedra
Na frente um grande portão
Com um letreiro escrito em cima:
"Hospital do coração".

Abaixo, do lado esquerdo,
Tinha um painel estupendo:

Em cada canto uma lâmpada
Apagando e acendendo
Com o fundo cor de prata
Com letras góticas dizendo:

"Aqui se encontram internados
Os que sofrem de ingratidão
De egoísmo e inveja
Ódio e ambição,
Cobiça e outros males
Que envenenam o coração.

Quando eu olhei para o lado
Tinha um senhor me olhando
Com um sorriso nos lábios
E os seus olhos brilhando
Botou a mão no meu ombro
E saímos conversando...

Ele dizia, baixinho:
Pode ficar à vontade...
Vamos caminhar comigo
Pelas ruas da cidade
E conhecer de pertinho
A nossa felicidade...

Eu andava olhando as casas
Branças da cor de marfim
Portas e janelas de vidro
Com cortinas de cetim
Todo quintal uma horta
Toda calçada um jardim...

Quando chegamos na praça
Eu parei, passei a mão
Numa estátua de ouro
Parecida com sansão
Só que, em vez de uma queixada,
Era uma enxada na mão.

Eu perguntei para o homem:
É de um parlamentar?
Ele me respondeu
Com um sorriso no olhar:
Não! é de um agricultor
O nosso herói popular.

Quando saímos da praça
Vi num pé de buriti
Uma linda águia azul
Ao lado de um bem-te-vi.
Eu perguntei: onde é que fica
O zoológico daqui?

Respondeu: -"não temos jaula
Nem gaiolas na cidade
Aqui animais e pássaros
Convivem com liberdade
Para nós é mais barato
Criá-los fora da grade."

Eu disse: pois de onde eu vim
Se um pássaro cantar bem
Vai morrer por trás das grades
Sem ter matado ninguém
E cantar pra seus algozes
A troco d'água e xerém.

Do lugar que eu vim senhor
Do seu é bem diferente
No meu o pai vai ao shopping
Leva seu filho inocente
Compra armas de brinquedo
E dá a ele de presente.

Já aqui neste planeta
O agricultor tem nome
Nolugaronde eu moro
Esse pobre passa fome
Lavra a terra, planta e colhe
E muitas vezes nem come.

Lá, a gente mata um alce
Tira as vísceras do coitado
Depois enche ele de pano
Deixa o alce empalhado
Que é pra mostrar no futuro
O que tínhamos no passado...

Eu sou de um lugar
Que só vive em pé de guerra
Onde fabricam doenças
Onde a justiça mais erra
Uma gaiola de loucos
Chamada planeta terra.

Os olhos daquele homem
Aumentaram sua luz
E perguntou: - "é verdade
Que lá fizeram uma cruz
Para crucificar um santo
Conhecido por jesus?"

Respondi: - sim é verdade,
Nós matamos nosso rei
Fui falar abri a boca
Faltou voz, eu não falei
Quis correr, não tive forças
Faltou fôlego, me acordei.

Acordei para chorar
Debruçado no meu leito.
Daquele sonho pra cá
Nunca mais dormir direito
Ora tentando esquecer
Ora pensando em fazer
O mundo daquele jeito.

Autor: Antônio Francisco

ANEXO C - AS SEIS MOEDAS DE OURO

Seu Zequinha era um galego
Do rosto da cor de brasa
Morava longe da gente
No sítio Cacimba Rasa
Mas foi não foi que seu Zequinha
Passava o dia lá em casa.

E numa dessas visitas
Seu Zeca contou pra gente
Que numa estrela do céu
Existia um continente
Com cinco raças de índios
Com uma língua somente.

As cinco tribos viviam
Numa aldeia grande e bela
Os bairros iguais ao centro
Sem resquícios de favela
E a terra dividida
Pra quem trabalhava nela.

Viviam com as abelhas
Na mais completa união
Nenhum índio conhecia
O vírus da ingratidão
A peçonha da preguiça
Nem o veneno ambição.

Nas escolas ensinavam
Antes de ler e contar
A criança a amar a terra
O rio, o lago e o mar
E plantar flores na aldeia
Um esporte popular.

Quando um índio ia dormir
Ao seu Deus agradecia
Pelo véu fresco da noite
Pelo sol quente do dia
Pelo ar que respirava
Pelo pão que consumia.

Esse povo amava a terra
Com tanta dedicação
Que andava de pés descalços
Quase sem pisar no chão
Pra não ferir o lugar
De onde vinha o pão.

Mas numa manhã de sol
O filho do feiticeiro
Em vez de ir plantar flores
Foi pra casa do ferreiro
Fez seis moedas de ouro
E deu-lhe o nome de dinheiro.

Autor: Antônio Francisco

ANEXO D- OS SETE CONSTITUINTES OU OS ANIMAIS TEM RAZÃO

Quem já passou no sertão
E viu o solo rachado
A caatinga cor de cinza
Duvido não ter parado
Pra ficar olhando o verde
Do Juazeiro copado.

O Juazeiro seu moço
É pra nós a resistência
A força, a garra e a saga
O grito de independência
Do sertanejo que luta
Na frente da emergência.

E foi debaixo de um deles
Que eu vi um porco falando
Um cachorro e uma cobra
E um burro reclamando
Um rato e um morcego
E uma vaca escutando.

Eu vinha do Canindé
Com sono e muito cansado
Quando vi perto da estrada
Um Juazeiro copado
Subi, armei minha rede
E fiquei ali deitado.

Como a noite estava linda
Procurei ver o cruzeiro
Mas cansado como estava
Peguei no sono ligeiro
Só acordei com os gritos
Debaixo do Juazeiro.

O porco dizia assim:
Pelas barbas do profeta!
Se nó ficarmos parados
A coisa vai ficar preta
Do jeito que o homem vai
Vai acabar o planeta.

Os bichos bateram palmas
O porco deu com a mão
O rato se levantou
E disse prestem atenção
Eu também já não suporto
Ser chamado de ladrão.

O homem sim, mente e rouba
Vende a honra, compra o nome
Nós só pegamos a sobra
Daquilo que ele come
E somente o necessário
Pra saciar nossa fome.

Palmas, gritos e assovios
Ecoaram na floresta

A vaca se levantou
E disse franzindo a testa
Eu convivo com o homem
Mas sei que ele não presta.

Entre aplausos e gritos
A cobra se levantou
Ficou na ponta do rabo
E disse também eu sou
Perseguida pelo homem
Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim
Mas pra nós ele é cruel
Mata a cobra, tira o couro
Come a carne, estoura o fel
Descarga todo o ódio
Em cima da cascavel.

É certou tenho veneno
Mas nunca fiz um canhao
E entre mim e o homem
Há uma contradição
O meu veneno é na presa
O dele no coração.

A cobra ainda quis falar
Mas de repente um esturro
É que o rato, pulando
Pisou no rabo do burro
E o burro partiu pra cima
Do rato pra dar um murro.

Mas o morcego notando
Que ia acabar a paz
Pulou na frente do burro
E disse calma rapaz
Baixe a guarda, abra o casco
Não faça o que o homem faz.

O burro pediu desculpas
E disse muito obrigado
Me perdoe se fui grosseiro
É que eu ando estressado
De tanto apanhar do homem
Sem nunca ter revidado.

O rato disse seu burro
Você sofre porque quer
Tem força por quatro homens
Da carroça é o chofer
Sabe dar coice e morder
Só apanha se quiser.

O cachorro disse amigos
Todos vocês tem razão
O homem é um quase nada
Rodando na contra mão
Um quebra-cabeça humano
Sem prumo e sem direção.

Eu nunca vou entender
Por que o homem é assim
Se odeiam, fazem guerra
E tudo o quanto é ruim
E a vacina da raiva
Em vez deles dão em mim.

O morcego abriu as asas
Deu uma grande risada
E disse eu sou o único
Que não posso dizer nada
Porque o homem pra nós
Tem sido até camarada.

Constrói castelos enormes
Com torre, sino e altar
Poe cerâmica e azulejo
E dão para gente morar
Deixando milhares deles
Na rua sem ter um lar.

O morcego bateu asas
Se perdeu na escuridão
O rato pediu a vez
Mas não ouvi nada não
Peguei no sono e perdi
O fim da reunião.

Quando o dia amanheceu
Eu desci do meu poleiro
Procurei os animais
Não vi mais nem o roteiro
Vi somente umas pegadas
Debaixo do Juazeiro.

Autor: Antônio Francisco

ANEXO E- AQUELA DOSE DE AMOR

Um certo dia eu estava
Ao redor da minha aldeia
Atirando nas rolinhas
Caçando rastros na areia
Atrás de me diverti
Brincando com a vida alheia.

Eu andava mais na sombra
Devido ao sol muito quente
Quando vi um juriti
Bebendo numa vertente
Atirei, ela voou
Mas foi cair, lá na frente.

Carreguei a espingarda
Sai olhando pro chão
Procurando o juriti
Nos troncos do algodão
Quando surgiu um velhinho
Com um taco de pão na mão.

O velho disse senhor
Não quero lhe ofender
Mas se está com tanta fome
E não tem o que comer
Mate a fome com este pão
Deixe esse pássaro viver.

Eu disse muito obrigado
Pode guardar o seu pão
Eu gasto mais do que isso
Com a minha munição
Eu mato só por prazer
Eu caço por diversão.

O velho disse é normal
Esse orgulho do senhor
E todo esse egoísmo
Que tem no interior
É porque falta no peito
Aquele dose de amor.

Eu fiquei muito confuso
Com as frases do ancião
Aqueles suas palavras
Tocaram meu coração
Derrubando meu orgulho
E a vaidade no chão.

Me vali da humildade
E disse perdão senhor
Desculpe a minha arrogância
Mas lhe peço por favor
Que me conte essa história
Sobre essa dose de amor.

Autor: Antônio Francisco

“ Plante um pé de Amizade em sua horta, que Amizade é a chave que abre a porta do castelo onde mora o Coração. ” (Antônio Francisco)

